

Thayse Leal Lima. *Latino-americanizando o Brasil: a crítica literária e o diálogo transnacional*. Curitiba: Ed. UFPR, 2021. 255p.

A relação ambivalente do Brasil com a América Latina continua sendo uma questão polêmica no discurso literário latino-americano e brasileiro. Como alerta Thayse Leal Lima em seu valioso estudo *Latino-americanizando o Brasil: a crítica literária e o diálogo transnacional*, o Brasil “[continua] a ser um enorme enigma, no melhor dos casos, um problema ainda a ser resolvido” (13). As explicações para o não-conformismo brasileiro, apesar de múltiplas, parecem fundamentar-se na especificidade linguística, geográfica e demográfica do país no contexto latino-americano. Como uma ex-colônia portuguesa, o Brasil é o único país lusófono em um subcontinente que é dominado numericamente por países hispanofalantes. E diferentemente de outros casos linguisticamente “excêntricos” no contexto latino-americano, o Brasil representa a metade da área geográfica e da população da América do Sul. Daí o desafio de lidar com o Brasil no contexto de teorizações hispanocêntricas.

Considerando-se esse fator, além da questão mais prosaica da língua, não surpreende que os casos de diálogo entre escritores e críticos brasileiros e hispano-americanos sejam relativamente escassos. Como Lima observa: “É comum afirmar-se que os países do subcontinente, apesar da proximidade, passaram a maior parte de sua história de costas uns para os outros, dando maior importância e atenção às suas relações com a Europa ou os Estados Unidos” (14). Contudo, como indicam vários críticos, existe uma verdadeira contra tradição de contatos entre literatos brasileiros e hispano-americanos, facilitados desde o século XIX pelo exílio, o serviço diplomático, e as viagens, e muitas vezes mantidos através de relações epistolares, e mais recentemente, por e-mail e comunicações nas redes. Não obstante esses casos, a colaboração entre escritores brasileiros e hispano-

americanos só ganhou um caráter mais sistemático e institucional, conforme mostra Lima, na segunda metade do século XX, quando a Revolução Cubana e a Guerra Fria contribuíram para estimular investimentos em organizações e iniciativas que defenderam formas distintas de aproximação latino-americana.

Latino-americanizando o Brasil consiste de três estudos de caso, uma introdução, e uma conclusão. O primeiro, “Do nacional ao transnacional: diálogo e rearticulação teórica em Antonio Candido e Ángel Rama,” trata a relação entre Candido e Rama, que mantiveram “uma correspondência assídua” entre 1962 e 1974. Lima considera este “um dos diálogos intelectuais que mais contribuíram para a inserção do Brasil no contexto cultural latino-americano” (25, 37). A autora nota como a ideia da literatura como sistema, articulada por Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1959), informou a visão crítica do uruguaio. Por sua vez, Rama incitou Candido a abordar temas latino-americanos; o ensaio “Literatura e subdesenvolvimento” (1973), por exemplo, “foi praticamente escrito sob encomenda” de Rama (38). Contudo, o aspecto mais impactante da relação entre Candido e Rama foi a colaboração do primeiro na Biblioteca Ayacucho, série venezuelana dirigida por Rama, que teve “o objetivo de estimular o intercâmbio intelectual, a circulação de ideias e o mútuo conhecimento entre os países do continente” (73). Entre 1977 e 1980, sob a supervisão de Candido, a Ayacucho publicou textos fundamentais de autores brasileiros, e “com efeito, contribuiu para romper o isolamento do Brasil na América Latina, dando a conhecer um pouco mais sua fortuna literária e intelectual em outras partes do subcontinente” (84).

O segundo estudo, “O Brasil no *Boom* latino-americano: Rodríguez Monegal e a criação de um cânone transnacional,” focaliza outro uruguaio. O crítico literário Emir Rodríguez Monegal “empenhou-se sobretudo na tarefa da internacionalização da literatura latino-americana,” campanha que prosseguiu na revista *Mundo Nuevo*, na crítica, e nas suas relações com editoras norte-americanas, que fizeram dele o “principal mediador” da literatura latino-americana na época do *Boom* (87, 120): “Como um crítico investido em divulgar uma visão de conjunto da literatura latino-americana, Monegal se viu diante do desafio de incorporar a literatura brasileira ao cânone de obras que buscava estabelecer através do boom” (89). Adotando uma “visão estetizante” do *Boom*, Monegal defendeu a

inclusão no cânone ainda em formação de autores brasileiros como João Guimarães Rosa e Clarice Lispector (109). Além da sua breve estadia no Rio de Janeiro em 1931, durante a qual o jovem Monegal leu os regionalistas brasileiros e desenvolveu seu apreço por vários autores brasileiros, para Lima é a função legitimadora do Brasil que explica sua proeminência no projeto de Monegal para divulgar a literatura latino-americana. Como defensor de uma postura literária politicamente “imparcial,” Monegal não pôde fundamentar sua visão da literatura latino-americana, como fizeram tantos, no exemplo cubano. Assim, “[a] incorporação do Brasil dava legitimidade ao projeto intelectual de um autor que, embora abraçasse o projeto latino-americanista, situava-se na contracorrente das adesões intelectuais e ideológicas de seu tempo” (118). Esta interpretação, apesar de interessante, carece de comprovação textual. Seja como for, podemos concluir com Lima que “seu trabalho foi fundamental para situar parte da literatura brasileira na linhagem latino-americana num momento crucial para a história literária da região, quando obras e autores se internacionalizavam e passavam a integrar um cânone literário mundial” (158).

O último estudo, “Rompendo com a tradição: Haroldo de Campos relê o Brasil a partir da América Hispânica” é talvez o mais interessante dos três. O concretista brasileiro teve conhecimento do poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz através do livro *El Arco y la Lira* (1956), que foi o motivo de sua correspondência. Como Lima explica, a leitura de outro texto, “Los signos en rotación,” teve um impacto decisivo em Campos, pois “[validou] as ideias que vinha desenvolvendo com o grupo Noigandres e que haviam sido duramente criticadas no ambiente cultural brasileiro” (177). Assim a atenção à poesia concreta prestada por Paz, como escritor de peso, “contribuiu para resgatá-la do limbo ao qual havia ficado relegada dentro da tradição brasileira” (185). De sua parte, Paz considerou o concretismo brasileiro a “única vanguarda autêntica” do subcontinente (176), e seu exemplo serviu para fundamentar sua reflexão crítica e informar suas tentativas de poesia experimental, como em “Blanco” (1968). Este texto, por sua vez, gerou o volume colaborativo *Transblanco*, centrado em uma tradução – ou “transcrição” – do poema ao português. Para Lima, na colaboração entre Campos e Paz, e no diálogo entre Campos e Sarduy sobre o barroco, “é possível entrever [...] o despontar de uma nova fase do pensamento latino-americano iniciada no final do século XX,” marcada pela desconfiança

pós-estruturalista ante as “ideologias totalizantes” e centrada em projetos colaborativos que levariam a teorizações sobre aspectos específicos da relações literárias latino-americanas (228).

Na conclusão, Lima afirma que as ações dos críticos discutidos foram motivadas por “um ideal de relações de trocas e influências mais simétricas” entre o Brasil e os países hispano-americanos. Porém o traço distintivo dos esforços empregados nas décadas de 1960 e 1970 foi a vontade de “não apenas promover uma perspectiva continental dentro do campo de produção do conhecimento, como também influir diretamente na circulação internacional de ideias através da tradução, publicação e divulgação do arquivo literário e intelectual latino-americano tanto dentro quanto fora do continente” (231). Apesar do descompasso que ainda pode ser notado entre as tradições literárias brasileira e hispano-americana, devemos valorizar, como o faz Lima, os esforços de Candido, Rama, Monegal, e Campos nos seus diálogos com Paz e Sarduy, que refutaram a noção de incomunicação entre os dois lados da linha de Tordesilhas, e facilitaram o diálogo entre os dois grandes blocos literários do subcontinente.

Robert Patrick Newcomb
University of California, Davis